

# Um Encerramento que deixa Aberturas para Novos Começos: cinco contribuições de artistas/investigadores sobre o tema da exploração visual/material, intitulado “espaço impactante”

NATACHA ANTÃO, MICHAEL CROFT, SÍLVIA SIMÕES, VÍTOR SILVA

#7

A percepção, nas suas cinco manifestações disponíveis para serem experimentadas em maior ou menor grau, existe como fonte externa que coopera com o ser humano por meio do corpo. Enquanto, indiscutivelmente, não se trata de uma simples situação binária, há um sentido de alternância entre a recepção e o recetor. Mesmo que o ser humano seja apenas tacitamente assumido como recetor, como no caso de um artista que não reconhece a relação subjetiva com o que faz, um artista desempenha, na maioria das circunstâncias, o papel de agente instigador. A materialidade da relação pode ser qualquer meio, que muitas vezes coincide com o que é produzido, e exprime a referida relação por modos que apontam tanto para o integralismo como para a singularidade entre a fonte e o recetor da percepção sensorial. Em termos simples, o meio pode ser a própria percepção.

Um grupo de cinco artistas, sediados no i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, reuniu-se para realizar um projeto de investigação centrado na observação da percepção, entendida através do desenho. Embora a fonte sensorial destes artistas seja principalmente visual, isso não exclui o uso de outros sentidos que estão de várias formas envolvidos, nem sempre deliberadamente, na atividade artística. Aliado a isto, está a questão da pesquisa, uma vez que a abordagem dos cinco artistas não é convencionalmente académica, nem unicamente artística. O que emerge como resultado da primeira abordagem é o interesse no modo como a teoria pode fornecer tanto um enquadramento quanto uma interação. Os participantes da investigação utilizam várias teorias relacionadas com a interocepção, a conexão experimental com o espaço, a *tuchè* e a contingência, a realidade objetiva versus a narrativa imaginária, e o inconsciente psicodinâmico.

Tais recursos teóricos informam, em vez de *moldar* excessivamente, as práticas respetivas destes artistas, o que é uma importante distinção entre o académico e o prático, conforme espelham os seus trabalhos. As teorias, que posicionam e obscurecem em simultâneo o sujeito humano, podem existir em antagonismo com teorias mais diretamente experimentais, tais como a incorporação ou a fenomenologia. Noções aristotélicas originais e outras noções filosóficas podem dar prioridade à direção do sujeito para a exteriorização, razão pela qual uma perspectiva existencial mais ampla é explorada na prática visual. As ferramentas digitais e os modos de trabalho interagem de maneira ambígua com o lápis, o pincel e a colagem, ou tais instrumentos e suportes

tradicionais são empregues exclusivamente. No entanto, embora o artista e as suas referências funcionem como uma espécie de diálogo cooperativo com a prática, esta acabará por se afastar com a sua própria voz externa. Nesse sentido, a obra visual-material pode representar, senão mesmo ser, a percepção que oscila no meio do que é sensorialmente perceptível e disponível para ser experimentado.

Os cinco artigos desta edição especial da PSIX são informativos de métodos artísticos baseados na prática, que inferem e manifestam a percepção em ação mediante a qual esta é simultaneamente observada. Nesta ocasião, o foco particular é o espaço impactante, um tema cunhado para o conjunto de artigos relacionados com a noção teórica existente, *liminalidade*; um espaço intermediário, em certo sentido, carregado de circunstâncias por ambos os lados. O filósofo Alain Badiou (2018, pp. 204-5, citando Jean-Claude Milner), argumenta, a partir da perspectiva psicanalítica, que o *sujeito* humano está automaticamente dentro da liminalidade – portanto, dentro deste espaço intermédio referenciado. A distinção é que, enquanto a filosofia pode ser considerada como a capacidade para discutir o *ser*, sem recorrer às flutuações do ser do sujeito individual, a psicanálise pressupõe o sujeito, especialmente o sujeito inconsciente, como automaticamente no cerne de tal questão. Esta questão do já dentro, ou do fora olhando para dentro, pode ser, em termos fenomenológicos, a relação entre a atividade reflexivamente criativa e a reflexão sobre essa atividade após o evento, por mais próximas que possam estar as duas posições no tempo. Os cinco artigos podem ser comparados e contrastados a partir de qualquer das duas considerações sugeridas, cujo conjunto presume a base experimental da percepção. Embora fosse conveniente sugerir que cada um dos cinco artistas se encontra fora da liminaridade para efeitos de reflexão sobre o espaço impactante, independentemente da medida em que se encontram dentro da liminaridade nas suas práticas, tal não é consistentemente o caso com a sua escrita. Se tal escrita é considerada *em vez de* ou *acerca de* o espaço impactante, então as instâncias de escrita-liminar são tão aparentes, se não mais aparentes, do que o visualizado liminarmente.

No artigo de Garry Barker, a interocepção fornece o foco teórico do que, na prática de Barker, diz respeito à visualização da dor somática e é, em sua opinião, “... central... para uma compreensão da percepção”. Barker argumenta sobre essa visão através da sua própria experiência recente de Covid-19, durante a qual adquiriu uma acentuada

consciência de como a respiração pode constituir uma espécie de “ponto de cruzamento entre sujeito e objeto”. Barker recorre à sua memória de imagens de sonhos que aludem à experiência do seu próprio sofrimento somático, na qual “experiências internas e externas se misturavam”. Barker afirma que deseja “capturar o tom emocional da experiência” e faz referência ao filósofo Edmund Husserl (1859-1938) para sugerir que a capacidade criativa está ligada àquilo que ele nomeia como “fundamentação corporal profunda”.

Safa Tharib adota uma posição mais distante em relação à sua prática visual-material quando sugere, no contexto da narrativa ficcional digital, que a preocupação do seu artigo tem a ver com “a conexão entre a realidade objetiva e o espaço liminar do espectador”. Tharib refere o crítico de cinema e teórico André Bazin (1918-1958) sobre a realidade objetiva e temporal, e o filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) sobre o estado constantemente transitório da narrativa. Embora, na sua prática, o envolvimento liminar de Tharib seja muito menos declarado do que o de Barker, ele explora e mostra como usa lugares físicos e reais da sua própria experiência e os submete às suas “competências e fraquezas na representação do tema”.

Derek Pigrum parte de uma perspectiva psicanalítica sobre o *tecido* como um significante semiótico que é tanto um “sintoma” – deduzido da tendência do crítico cultural e filósofo Walter Benjamin (1892-1940) para “unir a memória, o sonho e o texto” – como um “artefacto multimodal”, que se contrapõe à noção de “referência circulante” do filósofo Bruno Latour (1947-2022) (Latour, 1999). Esta última referência sugere que as imagens “vindas do exterior”, devido também à sua tendência para a *tuchè* e para a ocorrência contingente, resultam lentamente numa “atualização e num encerramento que deixa aberturas” que podem sugerir novos começos. Relativamente à questão da presença liminar de Pigrum no seu artigo, a passagem de Benjamin refere o texto como fazendo parte da trama que Pigrum equipara ao sintoma; ele identifica-se a si próprio como “nós” no texto e distancia-se daquele utilizando a terceira pessoa.

John Stell escolhe como seu motivo de reflexão um espaço com o qual teve uma conexão pessoal durante sessenta anos, e procura compreendê-lo do ponto de vista da experiência do desenho, tomando como base teórica o conceito de “conexão extensiva” (Whitehead, 1929) do filósofo A. N. Whitehead (1861-1947) e dos termos como *dentro*, *através* e *entre*, que relaciona às práticas computa-

cionais em Inteligência Artificial. Os relatos de Stell sobre o segundo e terceiro desenho de um conjunto de três contrastam com uma abordagem do segundo desenho em que ele tinha “a sensação de registar... um acontecimento contínuo do qual eu fazia parte”, e a natureza episódica do terceiro desenho em que ele fica “impressionado com a forma como o espaço está separado da minha experiência dele”. Estas frases sugerem que se pode estar dentro ou fora da liminaridade, de acordo com as estratégias necessárias para realizar desenhos.

Michael Croft apresenta o processo de visualização do fantasma alucinatório de um pesadelo no vão de uma porta do espaço doméstico do seu apartamento, onde este atua como espaço consequentemente transformado, *impactivo*. O carácter intermédio de tal espaço é discutido, através da teoria da pulsão escópica do psicanalista Jacques Lacan (1901 - 1981), como sendo análoga à ofuscação do nosso olhar por um ecrã psíquico. Croft representa-se a si próprio no lugar do fantasma e, de forma mais convincente, dentro da liminalidade, quando sente e regista a distorção da arquitetura da despensa na qual o fantasma foi visto, através de “fatores subjetivos da visão humana: tentando localizar a minha experiência do espaço mediante a projeção do meu corpo...”

Para finalizar, e para reabsorver a questão da liminaridade do projeto de investigação dedicado à percepção, cada autor confirma a tendência da percepção para a oscilação espacial, aqui considerada subjetivamente como uma procura de metáforas físicas por razões diversas. Por exemplo: a percepção pode ser influenciada por múltiplos fatores; a psique negociada externamente opera tanto como meio como percepção de alguém; a percepção pode ser vista como um parâmetro, junto com a consciência, entre a qual se encontra o inconsciente; a percepção é projetada externamente a partir do interior e depois pode ser reabsorvida pelo corpo; a percepção como experiência do espaço pode ser mediada pelo desenho. Embora cada artigo seja uma consideração do espaço impactante através do desenho e envolva a percepção, este último fenómeno é, em alguns aspectos, deslocado para a escrita como meio. Para além da ideia das vozes de uma conversa – para encerrar, por assim dizer, com a sugestão de uma nova consideração – é interessante ler e sentir como o liminar existe na escrita de cada autor dentro do seu próprio texto.